

NOVOS TEMPOS, NOVAS DEMANDAS NA COMUNICAÇÃO VERBAL¹

Adélia Freitas da Silva²
Sandra Paro³

Resumo:

Este artigo apresenta uma discussão sobre o comportamento cultural da sociedade acadêmica atual, no que se refere à geração do conhecimento frente às ações das convergências midiáticas. Trata-se de uma comparação entre o papel retórico da arte do século XIX e os tempos atuais, considerando a convergência midiática como possibilidade de resgate ou apagamento do passado. Partindo dessa ideia, apoiou-se nos registros de (BENJAMIN *apud* ORTIZ, 2012), (ECO, 1979), (SOARES, 2002), dentre outros. Trata-se de uma releitura bibliográfica no paradigma qualitativo e método dialético. Objetiva-se com esse estudo provocar reflexão sobre o tema, a fim de contribuir para melhor compreensão do mesmo.

Palavras-chave: Comunicação; Conhecimento; Arte.

Abstract:

This article presents a discussion of the cultural behavior of current academic society, with regard to the generation of knowledge in the face of the actions of media convergence. This is a comparison between the rhetorical role of 19TH century art and nowadays, considering the media convergence as possibility of redemption or erasure of the past. From this idea, based on records of (BENJAMIN *apud* ORTIZ, 2012), (ECO, 1979), (SMITH, 2002), among others. It is a qualitative paradigm in bibliographic rereading and dialectical method. Objective with this study lead to reflection on the theme, in order to contribute to better understanding of it.

Keywords: communication; Knowledge; Art.

A Escola de Frankfurt discutiu largamente o tema da Redenção do Homem e do seu passado. Com o projeto inicial de pesquisar as mudanças socioeconômicas impostas pelo movimento capitalista na Europa, o Instituto mantinha uma equipe de pesquisadores, dentre eles: Walter Benjamin, Theodor Adorno e Hebert Marcuse. Dentre as teorias desenvolvidas por esses principais intelectuais, a da Redenção do

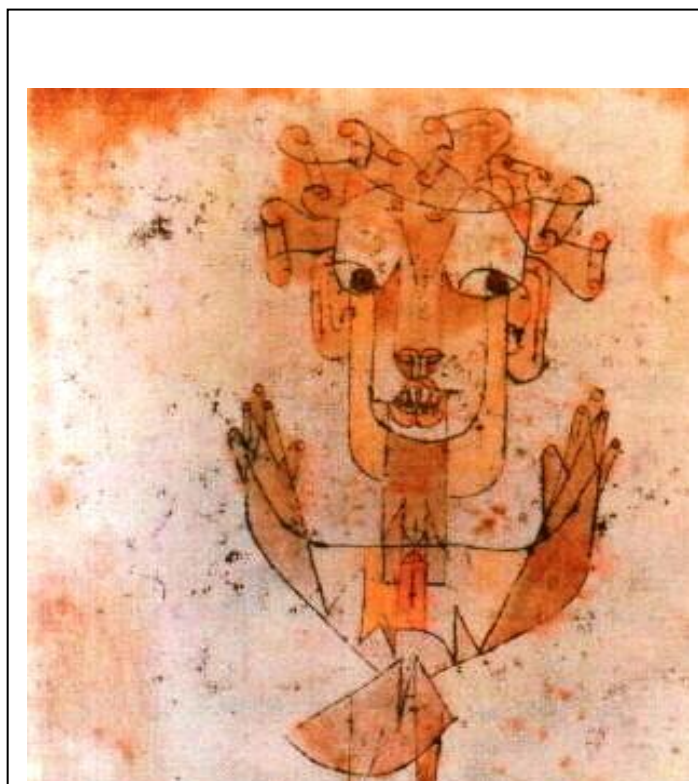
¹ Artigo elaborado para publicação em revista acadêmica na Faculdade Araguaia – Goiânia – GO.

² Adélia Freitas da Silva é graduada em Letras, especialista em Planejamento Educacional, Docência Universitária e Mestre em Letras e Linguística. É professora adjunta na Faculdade Araguaia, professora convidada na PUC e professora concursada no Colégio Estadual Murilo Braga.

³ Sandra Paro é graduada em Letras, especialista em Fundamentos da Literatura Comparada e possui mestrado em Crítica Literária na área de Crítica Textual e Edição de Textos. É professora na Faculdade Araguaia nos cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Engenharia Ambiental. Na Faculdade Alfredo Nasser, UNIFAN, leciona a disciplina de Literatura Infante-Juvenil, no curso de Letras.

Homem e do seu passado é o objetivo de nossa atenção neste artigo. Qual a origem da ideia de redimir o homem do seu passado?

A teoria desenvolvida por Walter Benjamin contribuiu para uma inquietação. O autor, apoiado em uma imagem de Paul Klee – “Angelus Novus”⁴, tenta explicitar a História. Para Benjamin, esse anjo é, segundo o olhar atento de Heiji Tanaka: “é o anjo da História e o que ele olha fixamente é o passado que vê.” (TANAKA, 2001, p.71).



⁴ “Angelus Novus” de Paul Klee.

⁵“Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.” *Walter Benjamin, “Obras Escolhidas”, tradução: Sérgio Paulo Rouanet, 1994 – 7.ed. Editora Brasiliense. p.226.* - Disponível em: <http://chicosimoes.blogspot.com/2010/09/walter-benjamin-e-o-anjo-de-paul-klee.html> Acesso em 03 de março de 2011.

No século XIX, Hegel e Marx vislumbraram uma teoria do processo histórico em que a humanidade se elevava passo a passo para altos níveis de consciência e condições materiais de existência, um lado afirmativo da cultura. Numa reflexão sobre a sociedade moderna e seus ideais corrompidos pela violência e intolerância, o mundo foi mergulhando aos poucos no obscurantismo, na barbárie através do nazismo e das guerras. O caráter afirmativo da cultura anteriormente almejado deu lugar às atrocidades cometidas em nome da civilização. Desse modo, os frankfurtianos buscavam a redenção do homem através das utopias revolucionárias que libertariam as futuras gerações para sempre, assim propunham como mais importante, redimir o próprio passado. (TANAKA, 2001).

Para Benjamin: “(...) o capitalismo, em sua ânsia de dominar a Natureza, termina por dominar a própria consciência do Homem; daí a perda do sentido da experiência individual, da noção do novo e do antigo, (...)” (TANAKA, 2001, p. 72). Desse modo, a única saída apontada por Benjamin é a Arte. É através da Arte que se pode deter as experiências acumuladas no passado. Um mundo sem arte é um mundo do conformismo, da acomodação, sem passado. Embasados nesses aspectos da teoria de Walter Benjamin propomos discutir neste artigo o comportamento cultural da sociedade acadêmica, a geração do conhecimento e as convergências midiáticas como apoio à arte e ao resgate do passado ou como apagamento da cultura, transformando a sociedade moderna, na sociedade do conformismo, do “sempre igual”.

Aristóteles definiu a arte retórica apontando para o saber como teoria, como arte e como ciência, hoje, para definir uma nova retórica partimos do conceito de arte da comunicação persuasiva, definido por Aristóteles, para uma ciência hermenêutica da interpretação. Segundo Alexandre Júnior (2005) em seu prefácio sobre a arte retórica: “O seu duplo valor como arte e como ciência, como saber e modo de comunicar o saber, faz dela também um instrumento mediante o qual podemos inventar, reinventar e solidificar a nossa própria educação.” (JUNIOR, 2005, p. 10).

A retórica está presente nos meios de comunicação, o poder de argumentação é visto na televisão, nas redes sociais e em diversos veículos na sociedade chamada pós-moderna. Mas onde está a arte como saber nesses meios?

Assim como o anjo de Paul Klee, que olha para o passado e que representa a própria história, como definido por Benjamin, a busca do conhecimento deve partir do entendimento que o homem tem do seu passado e da arte.

Partindo de diferentes conceitos de belo (para entender o conceito de arte) veremos diferentes proposições que, conforme a evolução da humanidade, se fizeram consideráveis como o termo estética⁶: que trata da sensação, no sentido empírico, a relação do homem com o mundo exterior através da percepção, tendo assim o sentido de estética do belo e da arte, manifestações da percepção e do sensível.

Hume (1711-1776) diz que o belo não é uma qualidade das próprias coisas, e que existe apenas no sujeito que o contempla. (...) Não existe, para **Kant** (1724-1804), um conceito definido do belo. A beleza não está na coisa, não pode ser estabelecida antes da experiência. (...) **Hegel** (1770-1831), afirma que a “estética” não tem como objeto o belo em geral, mas somente o belo da arte, e considera o termo “filosofia da arte” como mais apropriado. A “estética” concerne menos à sensação do que aos sentimentos expressados pelo artista e experimentados por aquele que vê ou escuta a obra de arte.⁷

Desse modo podemos compreender que os conceitos mudam conforme as ansiedades de cada época. Na pós-modernidade, (a partir da segunda metade do século XX), o declínio da confiança das sociedades ocidentais no progresso da humanidade vem abalar conceitos antes concebidos, a arte deveria ser aliada à tecnologia, ao conhecimento e à liberdade, necessária para a humanidade, no entanto, o capitalismo e suas crises associado às guerras e ao totalitarismo destruiu os valores do humanismo e da racionalidade. A arte hoje é substituída pelo irracional, por experiências, não há mais tendências, no entanto notamos esse conceito deturpado na sociedade em que vivemos, o “belo” é atualmente tratado como beleza difusa: corpos esculturais, processos de rejuvenescimento, roupas de grife, entre outros, todas as obras de “arte” tornaram-se objetos de consumo da indústria. Daí a falta de interesse para com o tema conforme definido esteticamente. Voltamos à Redenção do homem e do seu

⁶ “O termo ‘estética’ é formado a partir da palavra grega *aestesis*, que significa sensação/percepção.” (IVANOV, **A concepção da beleza para a filosofia e a estética.**) Disponível em: <http://tenhaumatoalha.wordpress.com/2012/02/04/breve-historia-da-questao-do-belo-nas-inquietacoes-humanas-parte-ii/> Acesso em: 12 de março de 2012.

⁷ Ibidem

passado, de Benjamim: Como pode o jovem acadêmico hoje ter uma compreensão do “estético”, da “arte” sem conhecer a história e analisar os processos que alavancaram o chamado progresso?

Nos bancos das universidades encontramos jovens desconectados com o seu passado e voltados para a cultura do imediatismo: possível consequência dos adventos tecnológicos que nos proporcionaram a *internet*, o hipertexto, as redes sociais e esse comportamento imediatista.

Vive-se em uma sociedade bombardeada de informações cada vez mais pluralizada acontecendo de forma concomitante em veículos de comunicação diferenciados, o que exige um estado de alerta cognitivo por um tempo, muitas vezes, exaustivo. A rapidez com que o momento histórico atual gera conhecimento⁸ faz com que o indivíduo tenha leituras⁹ superficiais, muitas vezes equivocadas e, frequentemente, vazias de interpretação e reflexão. Nunca se teve tanto acesso ao conhecimento e com tamanha rapidez. O ato de conhecer se mostra atualmente em forma caleidoscópica, simultânea, atraente, se metamorfoseando em movimentos dialéticos, coisa que se distancia dos arquétipos¹⁰ até então vistos como forma de saber. A leitura, ou o conhecimento nunca foram estáticos. Há sempre um *superávit* de informação concorrendo com a capacidade de entendimento do indivíduo em termos de equidade temporal e qualidade positiva. Toma-se aqui o termo “qualidade positiva” como indicativo de eficiência na capacidade de se informar, refletir sobre o tema e perceber a(s) intencionalidade(s) do emissor, as possíveis ideologias subjacentes e suas representações nas relações sócio-político-culturais. Como bem ensina Lajolo, (1997, p. 106),

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com

⁸ Toma-se, neste trabalho, o ato de conhecer como: “(...) o conhecimento pressupõe a existência de um sujeito conhecedor e de um objeto a ser conhecido, mediados pelo ato de conhecer: (...) é a relação estabelecida entre sujeito e objeto, na qual o sujeito apreende informações a respeito do objeto. É a atividade do psiquismo humano que torna presente à sensibilidade ou à inteligência um determinado conteúdo, seja ele de campo empírico ou do próprio campo ideal.” (SEVERINO, 1992, p. 38).

⁹ Toma-se a leitura, neste trabalho, como canal de conhecimento pelo fato de esta compreender não apenas signos linguísticos, mas todos os eventos comunicativos como forma de conhecimento aos moldes freiriano.

¹⁰ Significado psicológico do inconsciente coletivo. Forma imaterial a qual os fenômenos psíquicos tendem a se moldar. Para C.G.Jung, arquétipos são estruturas inatas em forma de matriz que serve de meio de expressão do inconsciente. (BRANDÃO, 1986)

o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que já leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto.

O uso frequente da leitura e escrita na forma “internetês”¹¹, somado ao pouco tempo dedicado à leitura e à escrita na forma padrão da língua é recorrente com indicação para ascendência. Isso sugere um tipo de leitura rasa, superficial, diferente da leitura mostrada por Lajolo na citação acima. Se o leitor maduro é aquele capaz de fazer convergências entre leituras anteriores e texto atual para, a partir daí, interpretar os dizeres e poder opinar sobre, deduz-se que o tipo de leitura mais recorrente atualmente (breve, informativa, múltipla e horizontal) pode estar gerando indivíduos com dizeres repetitivos, sem poderem questionar sobre a intencionalidade ideológica contida em cada texto. A verificação desse fato, provocou a inquietação que nos levou a buscar na teoria de Walter Benjamin um apoio para tratar o momento atual considerado como revolucionário no cenário do conhecimento, uma vez que a Escola de Frankfurt, a qual pertence Benjamin, tratou a mesma questão em momento histórico diferente. Seria a arte, ainda hoje objeto de redenção do homem? Objetiva-se, nesse artigo, tratar o processo de percepção da arte via leitura dialética na aquisição e/ou na produção do conhecimento.

Partindo do pressuposto de que a leitura verticalizada, ou madura, de acordo com Lajolo, (1997, p. 106) gera um sujeito ativo nas suas atividades sócio-políticas, um sujeito nascido na era midiática, se não bem conduzido em sua formação acadêmica, pode ser presa fácil da ditadura da brevidade comunicativa e somar-se ao mar dos “quase” conhecedores, porque são “quase” leitores. Nesse sentido, pode-se dizer, com cabíveis exceções que, o planeta inteiro, devido à conexão midiática instantânea, ao mesmo tempo, compartilha as mesmas ideias, o que proporciona possível controle e domínio comunicativo ao toque de algumas teclas. Isto é, a grande massa nunca esteve tão afiada para tamanha obediência indefesa por não ter tempo e concentração requeridos em reflexões mais aprofundadas.

Umberto Eco, quando considera o leitor-modelo aponta que:

¹¹ **Internetês** é um [neologismo](#) (de: [Internet](#) + sufixo *ês*) que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que "as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo cinco letras", onde há "um desmoronamento da pontuação e da acentuação", pelo uso da [fonética](#) em detrimento da [etimologia](#), com uso restrito de caracteres e desrespeito às normas [gramaticais](#). (pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs - 67k)

(...) o que devemos dizer já é que um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa. Em outros termos, um texto é emitido por alguém que o atualize - (...) (ECO, 1979, p. 37).

Já em 1913, (Le Bom, 1913 *apud* ORTIZ, Renato, 2002, p.9) associava o advento da sociedade de massa ao tema da decadência. Até onde se alcança, Le Bom foi um dos primeiros a se inquietar com o comportamento da sociedade de massa e refletir sobre a qualidade de vida da sociedade em decorrência do individual ser tragado pelo coletivo.

Ele via na multidão moderna uma massa indiferenciada de pessoas na qual a vontade individual estaria completamente anulada diante do comportamento coletivo, o qual teria sua origem simplesmente no fato das pessoas estarem aglomeradas em um determinado espaço físico. A multidão possuiria por assim dizer uma "alma coletiva" na qual o heterogêneo se diluiria no homogêneo, fazendo com que todos agissem da mesma maneira (BON, 1913, p. 180 *apud* ORTIZ, 2002, p. 9)

Magda Soares (2002, p.146) discute a questão do letramento na cibercultura. Para ela, “o letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados [...]”. Continuando a discussão, a autora supõe que “as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.”. Nessa linha de pensamento, há quem diga que o processo cognitivo atuante na era digital é o que mais se aproxima da natureza do animal linguístico, por considerar a forma natural de esquema mental do ser humano, ou seja, pensamos de forma hipertextual, abrindo um leque de possibilidades de visão do mesmo tema de forma simultânea. Ramal *apud* Soares (2002, p. 151), afirma que,

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

Há aí um elemento importante para a discussão que aqui propomos. No hipertexto promovido pela internet, a ideia é dada, oferecida, cabendo ao leitor a função de relacionar, fazer convergência para o significado deste com informações anteriormente armazenadas. “[...] o leitor maduro [...] é conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto.” (LAJOLO, 1997, p. 106). A riqueza do hipertexto proporcionado pela internet pode, de fato, estar alcançando o leitor, ou não. As possibilidades são múltiplas, mas a capacidade de usufruir desta depende do desempenho para exercer tal habilidade, mesmo dispondo de tal competência.

Nesse sentido, a arte como forma de geração do novo implica na expressão de uma leitura capaz de perceber e dizer sobre algo, partindo de um pressuposto, de percepção individual em existência apoiada na capacidade de recorte de um dizer em meio à polifonia. Assim como no século XIX, a arte foi tida como forma de redenção do homem, talvez por assegurar a individualidade em situação de massificação feita pelo capitalismo, atualmente a arte em suas múltiplas possibilidades de expressão pode servir de moldura para manutenção, ou geração do individual frente à possibilidade de massificação da cibercultura.

Certamente continuamos a história nos trilhos do passado que vemos e o que vemos está sediado no tipo de leitura realizada, pois este é o pressuposto de toda interpretação. Isto equivale a dizer que a geração do conhecimento em tempos de revolução midiática pode servir para apagamento, ou para o resgate do passado em prol da solidificação da identidade cultural como expressão viva de um povo.

Referências:

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manoel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, tradução: Sérgio Paulo Rouanet, 1994 – 7.ed. Editora Brasiliense. p. 226. - Disponível em: <http://chicosimo.es.blogspot.com/2010/09/walter-benjamin-e-o-anjo-de-paul-kllee.html> Acesso em 03. mar. 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis:Vozes,1986.Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/14342496/Mitologia-Grega-Vol-1-Junito-de-Souza-Brandao>. Acesso em: 06.mar. 2012.

ECO, Umberto. **Lector in Fábula**. São Paulo: Perspectiva, 1979. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/24631774/ARISTOTELES-Retorica> Acesso em: 05. mar. 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

ORTIZ, Renato. **A escola de Frankfurt e a questão da cultura**. Disponível em: www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_01/rbcs01_05.htm - 155k. Acesso em: 23. fev. 2012.

SCARSO, DAVIDE. **FÓRMULAS E ARQUÉTIPOS, ABY WARBURG E CAR G. JUNG**. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/dscarso/>. Acesso em: 06.mar. 2012.

SEVERINO, Antônio J. **O alcance político-educacional do atual discurso filosófico no Brasil**. São Paulo, FEUSP, 1992.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 143. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 28. fev.2012.

TANAKA, Heiji. A Razão Redentora: a Escola de Frankfurt. **Revista Akropolis**, 9 (2) abr/jun, 2001.